

Fórmula do mar

Composição poético-musical

Marcelo Tápia

Dedicada a Haroldo de Campos (*in memoriam*) e Augusto de Campos

Idealização e projeto; voz; arte original: Marcelo Tápia

Realização musical e gravação: Daniel Tápia

Animação: André Vallias

Apresentação

ademais mareando marujando marlunando
[marlevando marsoando polúphloisbos
Haroldo de Campos, *Galáxias*

A brevíssima composição “Fórmula do mar” parte de dois segmentos de versos da poesia grega arcaica (épica e lírica) que envolvem a expressão formular πολυφλοίσβοιο θαλάσσης (*polyphlóisboio thalásses*) (sendo a palavra *polyphlóisboio* referida como representação onomatopaica do mar ruidoso): παρά θῖνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης (*pará thina polyphlóisboio thalásses*) e κατὰ κῦμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης (*katá kyma poliphlóisboio thalásses*). Em ambos, a sucessão de vogais abertas e fechadas, associada à seqüência de consoantes, gera um efeito especialmente melódico, que inclui a sonoridade das palavras anteriores (*pará thina*, num caso, e *katá kyma*, no outro). Pelo conjunto sonoro de cada um dos segmentos tomados (integrantes de versos hexâmetros dactílicos), foram eles considerados como segmentos frasais formulares. O primeiro em questão (*pará thina polyphlóisboio thalásses*), o mais famoso, é citado por Ezra Pound como um exemplo de “melopéia intraduzível” (Campos, 1976: 29), que revelaria “o ímpeto das ondas na praia e seu refluxo”, tendo sido objeto de análise, do ponto de vista tradutório, de Haroldo de Campos; habitualmente lembrado como integrante do verso 34 do canto I da *Iliada*, de Homero (séc. IX a.C.), tal segmento também aparece no verso 182 do canto IX do mesmo poema épico, bem como no verso 220 do canto XIII da *Odisséia* e no verso 341 do hino homérico 4, a Hermes. É ele quase irmão gêmeo do segundo, colhido do fragmento 13, de Arquíloco (séc. VIII-VII a.C.) – mas presente também no hino homérico 6, a Afrodite –, pelo fato de apresentarem ambos, antes da expressão *polyphlóisboio thalásses*, palavras com quase idêntica (em termos sonoros) sucessão vocálica: trazem elas a mesma seqüência de fonemas abertos ([a]) seguidos por um fechado ([i, y]) e, finalmente, por outro aberto ([a]).

Passemos a algumas considerações acerca de possíveis traduções de ambos os segmentos para o português. Das publicadas para o primeiro (entre as quais se incluem as versões de Odorico Mendes e de Carlos Alberto Nunes), destaca-se, por suas qualidades sonoras, a de Haroldo de Campos (*Iliada*, 2001), “ao longo do mar de políssonas praias”; numa tradução “literal”, teríamos “pelas praias do mar políssonas”, uma vez que *polyphlóisboio* (também no genitivo) se liga a *thalásses*, “do mar”. No caso do segundo, *katá* indica movimento para baixo, ligando-se, nos versos do fragmento 13W de Arquíloco (de que a frase foi tomada), ao verbo *éklysen* (terceira pessoa do singular do aoristo do verbo *klúzo*, “açoitar com as ondas; banhar”) – cujo sujeito é *kyma*, “onda”: algo, portanto, como “a onda açoitou para baixo”, ou “a onda banhou para baixo”, sugerindo a submersão, o naufrágio; procurando embutir, numa livre leitura imaginativa, o sentido de tal sintagma a partir da frase tomada autonomamente (sem o verbo ao qual se liga) – o que seria possível pelo fato de a forma do vocábulo (de gênero neutro) *kyma* (nominativo, e portanto sujeito) ser a mesma no caso acusativo (objeto), e considerando-se *katá* como advérbio isolado –, poderíamos propor, como “tradução” de tal frase, “sob a onda do mar políssonas”, ou, melhor em nossa língua, “sob as ondas do mar políssonas”.

A composição que ora apresentamos, motivada pela semelhança fônica entre os dois referidos segmentos em grego, realiza um entrelaçamento entre eles, usando dois timbres e duas vozes (diferidas por uma oitava), sobrepondo-se as palavras iniciais e a final; exhibe ambos os segmentos no idioma de origem e, em seguida, em português. Estes teriam de corresponder, na métrica e no ritmo, bem como na posição relativa das palavras, àqueles em grego; para tanto, lançamos mão de alguns recursos de ordem estética. O primeiro consistiu na escolha entre as palavras “praias” e “ondas”, uma vez que, fonicamente distintas, não poderiam ser sobrepostas, tais como o foram as originais *thina* e *kyma*, semelhantes; prevaleceu a segunda, pois “ondas” permite uma desejada relação sonora com as demais palavras utilizadas, assim como manter o campo semântico do original, conforme se verá a seguir. A solução para o primeiro segmento é “junto às ondas polissonantes do oceano”: a configuração implica (com a idéia de se estar ao lado das ondas) o sentido de que se está na praia; a cadeia de sons nasais (um – on – onan – an) sugere o efeito rítmico-melódico de ondulação, relativo às ondas do mar; a seqüência de consoantes oclusivas ([t, d, p]), aliterante, pode sugerir ruído repetitivo. Para o segundo segmento, optou-se pela forma “fundo às ondas polissonantes do oceano”, que, obviamente, guarda uma relação de semelhança com a anterior, divergindo apenas em duas consoantes da primeira palavra; a seqüência traz, é verdade, um estranhamento sintático (“fundo às ondas”), que, no entanto, parece suscitar compreensão imediata, apesar da construção inusual; a expressão “fundo a” remete ao entendimento de *katá* como “abaixo”, aludindo-se à situação de naufrágio, ou seja, de afundar-se nas ondas. Com tal configuração sonora, as frases podem sobrepor-se numa relação de similaridade próxima àquela dos sintagmas originais. Consideraram-se, também, na composição, as indicações das sílabas longas e breves, bem como as arses (*ársis* – elevação, subida) e teses (*thésis* – descida) no grego, a que correspondem as sílabas tônicas e átonas no português. Cabe notar, no entanto, que em dois pontos da recriação em nossa língua o que era uma única sílaba longa (com a duração de duas breves) transforma-se em duas sílabas em português (duas breves, portanto, o que permite a equivalência de duração): em vez de *phlóis* (em *polyphlóisboio*) tem-se “sonan”; em vez de *ses* (em *thalásses*), tem-se “ano” (em “oceano”); e, também, que o que seria uma única sílaba em português transforma-se (devido à disposição métrica) em duas, repetindo-se – ou melhor, fazendo-se ecoar na outra voz – o “e” em “polissonantes”. É o seguinte o esquema rítmico dos segmentos originais (representando-se as sílabas breves por U, e as longas, por –):

παρά θῖνα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης
κατὰ κῦμα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης
U U – U U – – – U U – –

As frases em português assim ficam, emparelhadas:

junto às ondas polissonante(e)s do oceano
fundo às ondas polissonante(e)s do oceano
U U – U U – U U – U U – U U

Diga-se, por fim, que, uma vez definido o projeto da composição (por meio de uma notação peculiar, que também apresento), ele foi transcrito e realizado num computador doméstico, utilizando-se diferentes programas para a notação musical, para a execução dos timbres instrumentais e para a gravação da voz e a finalização.

Marcelo Tápia

Referências bibliográficas

Campos, Haroldo de. *Metalinguagem*. 3a. edição. São Paulo: Cultrix, 1976.
_____. *Iliada de Homero*. Vol. I. São Paulo: Mandarim, 2001.